

Um mergulho discursivo na Literatura Infantil: leitura e sentidos em O Rio dos Jacarés

Um mergulho discursivo na Literatura Infantil: leitura e sentidos em O Rio dos Jacarés

Denise Ana Augusta dos Santos Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro
prof.deniseana@gmail.com

Isabel Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro
isabelgrmartins@gmail.com

Bruno Andrade Pinto Monteiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro
bpmonteiro@gmail.com

Resumo

Tendo como embasamento teórico-metodológico a teoria da Análise Crítica do Discurso e da Semiótica Social, este trabalho apresenta e discute parte dos resultados de uma pesquisa exploratória e abrangente cujo objetivo foi analisar de que forma os discursos sobre questões hídricas estão contextualizados no livro ilustrado de Literatura Infantil produzindo sentidos potenciais à tomada de decisões e participação social. Partimos do princípio de que a Literatura Infantil e a Educação em Ciências possuem uma zona de intersecção, onde buscamos identificar as contribuições de uma área para a outra. Nesta zona, onde ambas se encontram, destaco nosso especial interesse para analisar como os discursos sobre questões hídricas são contextualizadas na Literatura Infantil. Nossas análises indicam a polissemia no livro O Rio dos Jacarés, onde há marcas de intertextualidade, de interdiscursividade e a presença do texto imagético em complementariedade ao texto verbal na constituição de um discurso numa perspectiva crítica que favorece e amplia as possibilidades para as discussões envolvendo questões hídricas.

Palavras chave: literatura infantil, questões sociocientíficas, questões hídricas, educação em ciências, discurso

Abstract

Semiotics and Critical Discourse Analysis theory as theoretical-methodological foundations, this essay introduces and discusses part of the results of an exploratory and wide research, whose goal was analyzing in which ways discourses on hydric issues are contextualized on this children's literature picture book, producing potential perceptions to the decision-making

process and social engagement. We have started from the principle that children's literature and science education possess an intersection point, where we seek to identify each area's reciprocal contribution to one another. At this spot where both meet, I highlight our special interest in analyzing how the hydric-related discourses are contextualized in children's literature. Our analysis indicates the polysemy on the book "O Rio dos Jacarés", where there are intertextuality and interdiscursivity traces, as well as the presence of an illustrated text complementary to the verbal one in the making of a discourse in a critical perspective, which favors and broadens the possibilities for discussions regarding hydric issues.

Key words: children's literature, socioscientific issues, hydric issues, science education, discourse

Um começo de conversa

O texto que agora se inicia tem por objetivo apresentar a análise de um livro ilustrado de Literatura Infantil, parte dos resultados da pesquisa de doutoramento da primeira autora deste trabalho. O objetivo da pesquisa foi explorar de que forma os discursos sobre questões hídricas estão contextualizados no livro ilustrado de Literatura Infantil produzindo sentidos quanto à tomada de decisões e participação social. A pesquisa foi desenvolvida amparada em Santos e Mortimer (2009), Santos, Mortimer e SCOTT, (2011) e Pérez (2012) que posicionam as discussões sobre Questões Sociocientíficas no ensino de ciências e, a partir dessas leituras, posicione a importância dessa abordagem nos primeiros anos de escolarização da criança, principalmente das que vivem em "zonas de sacrifício ambiental", segundo a caracterização de Acselrad (2002, 2004) e que estão envolvidas em diversas questões hídricas, tais como as dificuldades no acesso à água potável, inundações e enchentes frequentes, poluição dos rios e comumente a sua associação a valões, são algumas das questões que nos mobilizam na compreensão de como estão discursivamente contextualizadas na Literatura Infantil.

Fundamentada em Fairclough (2016), entendo que os discursos são práticas sociais e modos habituais de agir das pessoas nas sociedades, que se modificam ao longo do tempo e dos espaços sociais bem definidos. O discurso está relacionado ao sentido de texto e sua interação, os eventos discursivos são representados por textos e a prática discursiva representa uma prática social. Ao propor o termo discurso, Fairclough propõe considerar o uso da linguagem em sua prática social, isso porque o discurso é um modo de ação das pessoas no mundo, é um modo de agir sobre o mundo, sobre as pessoas, bem como, uma forma de representação.

É importante ter clareza que o discurso é socialmente constituído e opera para a construção de todas as estruturas sociais que, de alguma forma, se afetam quanto as normas, convenções, relações e identidades. O discurso não se confunde com o texto, entretanto é no texto que o discurso se manifesta. Entendemos que o discurso é a linguagem em ação, ou seja, se refere a capacidade humana de comunicar uma mensagem e se fazer entendido. A linguagem está relacionada a capacidade humana de se adquirir um conjunto completo e multisemiótico da comunicação. A linguagem é desenvolvida por meio da interação do sujeito com o meio e engloba aspectos biológicos e sociais. Julgo importante esse esclarecimento para que não reste dúvidas de que quando me refiro a discursos (oral, verbal, imagético, corporal), haja o entendimento de que este está situado no interior dos estudos da linguagem.

O Livro Ilustrado de Literatura Infantil é um suporte textual onde o texto verbal e imagético marcam sua composição onde, a imagem possui grande relevância na constituição da mensagem a ser comunicada podendo estar acompanhada de texto verbal ou não (FLECK;

CUNHA; CALDIN, 2016). Para explorar de que forma os discursos envolvendo questões hídricas são contextualizados no Livro Ilustrado Infantil, considero ser fundamental olhar integralmente para o material selecionado para análise, visto que, a leitura de um livro de literatura se dá com início, meio e fim. Com isso quero dizer que a cada página lida o leitor desperta o interesse para a sua continuidade e fim. Nisso, o leitor constrói sentidos que podem ou não estar afincados com os sentidos que o produtor (autor) do livro pensou ao organizar os muitos recursos semióticos (KRESS, VAN LEEUWEN; 1996).

Assim, o objetivo deste trabalho é fomentar discussões sobre os resultados das análises e discussões obtidas com a pesquisa sobre as formas que as questões hídricas estão contextualizadas em uma obra literária destinadas ao público infantil; analisar os discursos sobre questões hídricas e as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade(s) representados no livro selecionado e, discutir as contribuições dos textos verbais e imagéticos que se relacionam às Questões Sociocientíficas presentes neste mesmo livro e quais possibilidades de mediações de leitura nas aulas de ciências são possíveis.

Procedimentos metodológicos

A seleção do corpus de análise foi realizada, conforme a ilustra a Figura 1, a partir de busca exploratória e exaustiva em sítios eletrônicos, salas de leitura e bibliotecas escolares de livros ilustrados de Literatura Infantil que trouxessem no título algum elemento verbal que se relacionasse a um dos termos: água, chuva e derivações (choveu, chover, chovendo), rio, mar ou nuvem. Além disso, busquei no Google® todas as variações de sugestões associadas às opções de busca. Por exemplo: digitando a sentença “rios na Literatura Infantil”, na opção de busca em imagens, apareceram sugestões relacionadas a poluição e a água. Todos os títulos que, em alguma medida, pudessem ser de interesse desta pesquisa foram selecionados e separados para análise.

Na sequência foi realizada a leitura da sinopse disponível nos sítios eletrônicos, quando foi o caso, ou imediatamente a leitura na íntegra da obra, onde três foram selecionados como objeto de análise da pesquisa. Os cinco livros selecionados foram analisados na íntegra, da capa a contra capa, buscando o maior número possível de elementos textuais e/ou imagéticos que pudessem contribuir na resposta das nossas questões de pesquisa. Neste trabalho farei a apresentação das análises apenas de O Rio dos Jacarés (RÓLDAN, 2017). Os critérios estabelecidos para a seleção dos trechos, páginas e/ou imagens priorizam algumas partes específicas, conforme a Figura 2 e detalhados a seguir:

- (i) A capa – analisada em todos os seus componentes multissemióticos;
- (ii) A página onde há presença humana, ou vestígios da presença humana;
- (iii) As páginas que indicam o início ou auge do clímax da narrativa e;
- (iv) A página que conduz ao desfecho.

O arcabouço teórico-metodológico que sustentam nossas análises está amparado na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH; 2016) e da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001) e algumas das categorias da GDV (KRESS, VAN LEEUWEN; 1996), possibilitam uma análise ampliada dos multimodos semióticos orquestrados no livro para a comunicação da mensagem. A análise se concentra numa leitura criteriosa das modalidades de processos verbais e visuais no livro ilustrado de Literatura Infantil e buscam a seguinte orientação de análise: (i) descrição da obra; (iii) análise textual; (iv) análise sob a ótica da Semiótica Social e os

desdobramentos quanto a Gramática do Design Visual (GDV) e; (v) a análise da prática social.

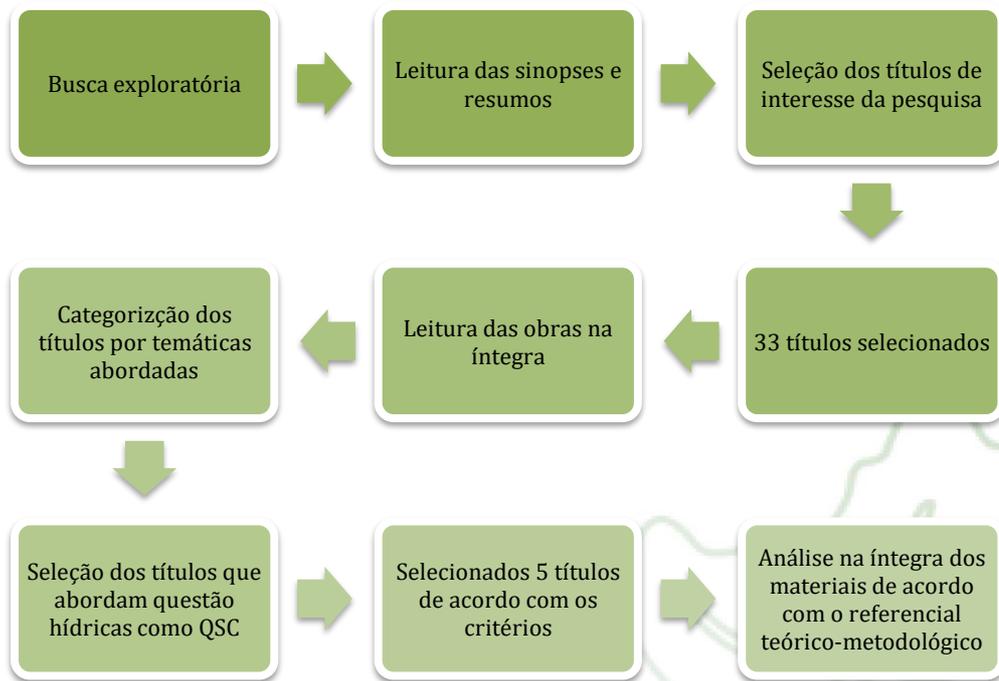


Figura 1: Etapas das análises. Fonte: A autora.

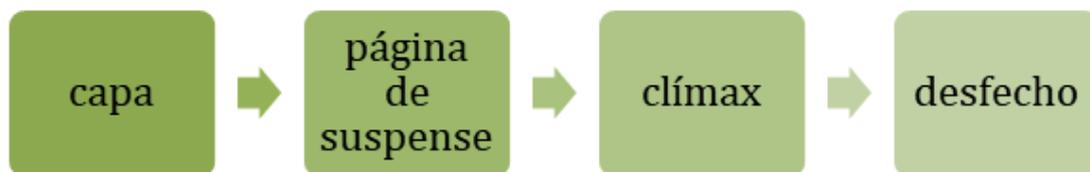


Figura 2: Seleção de partes da narrativa para análise. Fonte: A autora.

Para a análise, foi selecionada a capa, a primeira página que gera o suspense, as páginas que indicam o início e o clímax da narrativa¹ e os desdobramentos que conduzem ao desfecho. Ao todo, foram analisadas a capa mais quatro páginas duplas que se constituem como uma única imagem (a imagem é mostrada numa página par e numa página ímpar) ou únicas. Não houve a preocupação em encaixar as descrições de cada uma das metafunções, apesar de que as análises foram feitas com base nelas. Meu objetivo é estabelecer um diálogo e tentar conduzir uma escrita dissertativa descritiva do corpus de análise de forma que se aproxime um diálogo com o leitor.

A análise a seguir obedece à seguinte orientação: (i) descrição da obra; (ii) análise textual (texto verbal); (iii) análise sob a ótica da Semiótica Social; (iv) a análise da prática social.

¹O clímax numa narrativa literária ocorre depois de diversas ações dos personagens. A narrativa é levada a um ponto de alta tensão ou emoção que exige uma decisão ou desfecho.

Uma leitura e múltiplos sentidos em *O Rio dos Jacarés*

O rio dos jacarés escrito por Gustavo Roldán e traduzido por Thaysa Burani, foi publicado pela editora Boitatá em 2017 e faz parte do acervo do PNLD Literário Ensino Fundamental. O livro é composto por quarenta e oito páginas não numeradas, folha de rosto, ficha catalográfica e uma dedicatória. Ao final do livro constam informações sobre a obra, sobre o autor e tanto a parte interna da capa e da contra capa são vermelhas. Na contra capa consta o código de barras e um selo de “Eu li, gostei e recomendo!”.

A história é narrada pelo narrador onisciente contando sobre um dia comum na vida dos jacarés, quando inesperadamente a chegada do senhor do terno laranja muda o cenário de tranquilidade dos jacarés daquele rio e convida o leitor a pensar sobre o valor das coisas que se podem vender e que se podem comprar. O autor apresenta traços simples, muitas linhas e poucas cores, com uma história cativante e que diz respeito aos direitos dos animais e dos rios.

As análises realizadas representam uma possibilidade de ampliação das discussões em outros contextos e, em certa medida, é isso que o autor nos apresenta e demonstraremos a seguir. Segundo informações que constam ao final do livro, Gustavo Roldán Devetrach nasceu em 1965, na Argentina e o gosto pela Literatura Infantil foi herança de seus pais, já que tanto sua mãe Laura Devetrach e seu pai Gustavo Roldán eram dois escritores bastante admirados em seu país. Estudou desenho e pintura na Argentina, se formou em litografia e técnicas de gravuras na Free Academy na Haia, na Holanda. Chegou a ilustrar algumas obras de seu pai antes de começar a escrever e ilustrar as suas próprias. Atualmente é reconhecido e premiado mundialmente tanto por suas ilustrações quanto pela literatura. Seus livros foram traduzidos em países como França, Itália, Bélgica, Holanda, Rússia e Coreia.

Ao ser perguntado o que um bom livro infantil deve ter, o autor responde que deve “contar uma boa história”, “ter garra”, “vontade de conta-la por parte do escritor” e “vontade de ilustrá-la por parte do ilustrador”. O autor ainda complementa dizendo que não deve haver moral, nem ensinamentos, deve haver apenas uma boa história. Inclusive, a questão da ilustração para o autor é secundária. Para ele quando a história é boa pode se sustentar sozinha, mas no caso de livros ilustrados, estes devem complementar o texto verbal acrescentando algo, fazendo parte da história e sendo tão importante quanto cada letra.

Iniciando pela análise da capa, observamos o predomínio de tons de cinza, dos mais claros aos mais escuros, representando um tipo de gramínea que cresce junto a áreas alagadiças, ocupando a maior parte do espaço da capa. Na parte central, em destaque, a imagem de um jacaré abrindo uma clareira com um fundo branco, representando o núcleo da informação. A imagem da capa pode ser classificada como uma representação narrativa onde o personagem jacaré é interativo, pois executa uma ação. O título do livro indica a quem pertence o rio: O rio dos jacarés. De quem é o rio? *Dos jacarés*. Onde moram ou vivem os jacarés? *No rio*.

O personagem representado jacaré direciona seu olhar para o leitor, estabelecendo contato por uma relação de demanda; isso indica que o autor possivelmente convida o leitor a interagir com a imagem. O olhar do jacaré, o posicionamento das patas junto aos juncos em combinação com o texto verbal, indica propriedade do rio aos jacarés e a imagem do jacaré representado produz o sentido de guarda ou de posse. A imagem é representada no plano fechado e numa angulação frontal, o que estabelece maior proximidade com o leitor.

A imagem mais se aproxima da realidade e traz uma representação de ambiente natural. A escolha das cores pelo autor amplia as possibilidades de produção de sentidos pelo leitor, pois ao mesmo tempo em que a imagem narra fatos em que seriam necessárias muitas palavras, o

faz deixando margem para que cada leitor signifique de acordo com as suas experiências pessoais.

Na capa ainda encontramos informações da autoria, da tradutora, logomarca da editora e na versão analisada há o selo do PNLD, dentre os livros selecionados para a análise, este foi o único encontrado numa sala de leitura de uma escola municipal. Importante destacar que quando um livro é comprado e distribuído pelo Governo Federal ele recebe este selo, o que significa mais um elemento que pode interferir na leitura.

Os traços da capa acompanham todo material e indicam o gosto pessoal do autor por um desenho mais limpo, com poucos detalhes deixando que a imaginação do leitor preencha os espaços vazios. Seguindo na leitura, passando a página de rosto e a dedicatória, conhecemos a imagem o jacaré mais velho acompanhada de texto verbal que indica que estava apontando o seu focinho para fora dos juncos, farejando a água e se jogando de barriga no rio, enquanto os outros jacarés cochilavam à margem. Esse discurso representa o comportamento dos répteis em seu habitat natural, mas essa aparente tranquilidade duraria pouco tempo do seu banho tranquilo pelas águas do rio.

O homem do terno laranja

Entre os juncos, saindo do meio do mato, um homem vestido de terno laranja com passos pesados e, pela imagem, com passos acelerados. Um homem de terno, que pela lógica do capitalismo, certamente um homem importante, ocupado, sem tempo a perder e com uma agenda repleta de compromissos. Neste momento há a inserção de uma informação nova no cenário, estranha ao leitor e que dá início a situação de conflito da narrativa. A partir de então, e nas páginas seguintes, tem início o diálogo entre o jacaré mais velho e o homem do terno laranja.

**Um homem vestindo um terno laranja
abria caminho por entre os juncos.**



Figura 1: O homem do terno laranja. Fonte: Boitempo Editorial

A imagem é uma narrativa não-transacional e foi representada num plano aberto, estabelecendo certa distância social e impessoalidade entre o personagem representado e o leitor, também não há vetor visual direcionado para o leitor, ou seja, a imagem foi ofertada para apreciação. Não é possível dizer de onde o homem vem, apenas que caminha apressado em direção ao rio e que carrega um papel enrolado em sua mão direita. Na imagem há três objetos dentro do rio que se assemelham a pedras, mas que também não é possível identificar, possibilitando ao leitor explorar as possibilidades do que venham a ser.

Pelas leituras que realizei, e do meu ponto de vista axiológico, o homem do terno laranja representa o chamo de capitalismo, está se apropriando dos bens naturais, dos conhecimentos tradicionais e subalternizando-os, expropriando as formas de vidas e os povos tradicionais do direito aos espaços e bens naturais. Primeiro o capitalismo tomou para si a propriedade do rio, usou para seu benefício próprio, sacrificando vida de uma infinidade de seres vivos entre plantas, animais e seres humanos, degradou, poluiu e ao longo dos anos amarga uma alta conta pelo uso irresponsável desse recurso tão essencial para a manutenção da vida planetária.

Por meio do texto verbal o autor representa o capitalismo chegando de forma impositiva, pois ele vem “**comunicar-lhes**” que os jacarés “**devem ir embora**” “**hoje mesmo**”, pois o rio foi “**comprado**” e “**pago**” com “**dinheiro vivo**”, assim “**precisam ir embora**”. E em nome da ciência e da tecnologia, muitos discursos violentos, que ocasionaram atos ainda mais violentos foram sendo legitimados em nome de uma suposta causa humanitária maior. Acontece que, há um custo, há um preço a ser pago e há que se escolher quem pagará essa conta. O autor já inicia essa problematização num livro de literatura infantojuvenil, como ele mesmo descreveu, sem lição de moral, apenas com uma boa história.

Entretanto, apesar da postura afirmativa do homem do terno laranja, ao apontar um papel para o jacaré, não significava nada para os mesmos, pois jacarés não sabem ler. O homem então leu e ainda como prova mostrou uma garrafinha com uma amostra de água tirada do rio que seria a prova de que compra fora validada.

Não é a mesma água!

Entretanto, aquela já não era a mesma água, era muito parecida, verdade, mas não a mesma. Era apenas uma porção de água que se foi com a correnteza levando a folha que a água empurra representada por meio da ilustração que acompanha o texto verbal. Nesse ponto se observa alguns elementos adicionais como a presença de outros três jacarés, vemos com mais detalhes o homem do terno laranja e é possível perceber a direção da correnteza pela direção do olhar dos jacarés e pelo dedo apontado do jacaré mais velho. É possível perceber uma posição de dominação do jacaré sobre o homem, que, agora, apresenta uma fisionomia de assustado, perceptível pelo olhar, e sobressaltado, pela posição de braços e pernas, bem como pelo chapéu saltado da cabeça.

No texto verbal há marcas de intertextualidade e de interdiscursividade com a citação do filósofo Heráclito de Éfeso que diz que “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas...”². É um discurso que simboliza a constância da mudança e que o autor utiliza como estratégia para construir sentidos

² Fonte: <https://fmd.pucminas.br/ninguem-pode-entrar-duas-vezes-no-mesmo-rio/#:~:text=%E2%80%9CNing%C3%A9m%20pode%20entrar%20duas%20vezes%20no%20mesmo%20rio%2C%20pois%20quando,do%20combate%20entre%20os%20contr%C3%A1rios%E2%80%9D>. Acesso em: 17 mar. 2022.

sobre a efemeridade dos desejos humanos.

A narrativa continua com o diálogo entre o jacaré mais velho e o homem do terno laranja que insiste que pagou uma boa quantia em dinheiro vivo. Mas o jacaré exercendo a sua autoridade de jacaré mais velho, lembra que embaixo dessas pedras estão os ovos que as companheiras colocaram e que o homem de terno laranja agora estava pisando sobre eles. Há destaque em tamanho maior para as palavras “vivo” e “senhor” denotando ironia. Como se quisesse dizer: “O dinheiro é VIVO e o SENHOR até quando ficará?” ou então: “Se o SENHOR quiser ficar VIVO tem que sair logo daqui.” São algumas das possibilidades de construção de sentidos.

Dinheiro vivo é expressão informal usada para referir a um pagamento feito em espécie. O autor não usou expressões como dinheiro físico, cédula ou papel-moeda e sim uma expressão que possibilitasse a construção de outros sentidos pelo leitor. Essa característica fica reforçada pelo destaque dado a palavra **VIVO** grafada em caixa alta e que é empregada com sentido de ameaça ao senhor do terno laranja.

A imagem que acompanha o texto verbal destacado reforça o sentido do que está escrita, pois se observa os três jacarés posicionados ligeiramente atrás do jacaré mais velho e de frente para o homem do terno laranja que está localizado no canto direito da página e demonstra pelo olhar direcionado para os dentes grandes dos répteis o tom da ameaça.

Neste ponto a narrativa se encaminha para o desfecho onde representa o que gostaríamos que bem representasse a realidade, mas, por enquanto, ainda fica para o campo do faz de conta. Nem com todo dinheiro vivo, poder e com os melhores ternos seria possível comprar e pagar por bens tão preciosos para a vida planetária, os rios são um exemplo disso. O jacaré mais velho e seus companheiros jacarés conseguem amedrontar o homem do terno laranja rugindo e com uma rabada na água, todos ao mesmo tempo, causou um estrondo tão alto e foi tanto aguaceiro que o desfecho contraria o que historicamente vem acontecendo com os rios mundo afora e que vem perdendo suas características naturais e, por conseguinte, o direito de fruir.

O rio dos jacarés nas discussões sociocientíficas

E o capitalismo pode tudo? As consequências da apropriação pelo capitalismo dos bens naturais e culturais temos assistido cotidianamente pelas ruas, nos grandes centros urbanos, nos noticiários televisionados, em post de Instagram, Facebook ou em tweets de 280 caracteres. Entretanto, é cada vez maior o número de rios que são reconhecidos com uma personalidade jurídica, como uma entidade viva ou com status reconhecido de pessoas e vem movimentando as discussões ambientais em todo o mundo⁴.

Tal movimento tem início na Nova Zelândia, em 2017, quando uma legislação do parlamento concedeu ao “rio Whanganui direitos como uma entidade independente, considerando-o um todo indivisível da nascente ao mar.” O acordo aconteceu entre o povo Maori e o governo e guardiões foram escolhidos para representar o rio e garantir seus direitos. Enquanto que na Austrália, a legislação estadual de 2017 reconheceu o povo Wurundjeri proprietários tradicionais do rio Yarra.

Países como o Canadá, concederam ao rio personalidade jurídica com nove direitos, incluindo o direito de fluir, o direito da proteção contra poluição, o Equador consagrou os direitos da

⁴ Informações reunidas com base em: < <https://infosaofrancisco.canoadetolda.org.br/artigos/outros-rios/rios-deveriam-ter-direitos-semelhantes-aos-das-pessoas/>>. Acesso: 19 mar. 2022.

natureza em sua constituição. Bolívia, México e Colômbia promulgaram legislações que protegem a natureza, a Nova Zelândia, Austrália e Bangladesh agem em defesa dos rios.

Apesar dos avanços, essa não é uma discussão recente e nem tão pouco uma questão resolvida. Há embates que desafiam a própria lógica ocidental, colonial e capitalista. E há quem questione: “será que os direitos da natureza desafiam os próprios fundamentos do capitalismo?”⁵

A análise das representações verbais e imagéticas nos possibilitou encontrar marcas do discurso crítico, numa linguagem destinada à infância, em um nível de reflexão aprofundada que permite uma série de problematizações ao nível estrutural dos sistemas, não apenas nas superfícies. Trata-se de um livro que possibilita a construção de sentidos quanto as origens das estruturas que geram as Questões Sociocientíficas no capitalismo e sobre o direito à propriedade. Os discursos que constituem o livro possibilitam a problematização sobre a conexão com o rio. Os jacarés são parte dele, é casa, é lugar para se viver e assim o defendem como o melhor lugar para isso; enquanto o homem de terno laranja o vê enquanto um bem de consumo, uma fonte de água, uma propriedade que pode ser monetizada, um recurso a ser explorado.

A experiência de literária, possibilitada nas mediações de leitura em aulas de ciências, correspondem uma experiência estética que promove uma conexão, num primeiro momento por meio da arte literária, pela sensibilização do olhar para as relações tão íntimas próximas e necessárias entre o que é humano, natural, científico e tecnológico. Qual a origem dessa reconexão entre a sociedade moderna e a natureza? Não há outro modo de defesa dos rios se não for por meio de uma conexão com esses espaços, e a literatura na infância possibilita esse contato, essa sensibilização, trabalhando com os sentidos, com as emoções e abordando questões profundas com uma linguagem agradável e acessível ao leitor de todas as idades.

Quando me refiro a uma linguagem acessível, não significa uma linguagem simplificada, mas sim uma linguagem que está aberta a múltiplas possibilidades de construção de sentidos como é o caso do livro em análise. Nela há imagens que trazem muitas informações narrativas que contam histórias que complementam o texto verbal e que, no caso de uma criança em processo de consolidação da alfabetização, é bastante significativa essa construção verbal/imagético. Ou ainda para leitores críticos que podem significar de múltiplas formas a construção verbal associada a construção imagética e reelaborarem seus sentidos de leituras.

Na obra analisada, a questão hídrica é reverberada em uma série de questões de ordem política, econômica, financeira, social no que diz respeito ao direito a água enquanto recurso elementar para a vida humana e não-humana a começar pelo direito a propriedade da mesma. Assim, O rio dos jacarés se configura como um importante suporte para as discussões sociocientíficas nas aulas de ciências na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Referências

ACSELRAD, H. Justiça ambiental e construção social do risco. *Desenvolvimento e meio ambiente*, n. 5, p. 49-60, 2002.

ACSELRAD, H. (org.). *Conflito social e meio ambiente no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

⁵ Informações reunidas com base em: < <https://infosaofrancisco.canoadetolda.org.br/artigos/outros-rios/rios-deveriam-ter-direitos-semelhantes-aos-das-pessoas/>>. Acesso: 19 mar. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V.; CALDIN, C. F. Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. In: *Perspectiva em ciências da informação*, v. 21, n. 1, jan. - mar., 2016.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, 1996.

PÉREZ, L. F. M. *Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores*. UNESP: São Paulo, 2012.

ROLDÁN, G. *O rio dos jacarés*. Tradução: BURANI, T. Rio de Janeiro: Boitatá, 2017.

SANTOS, W. L. P. dos; MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. H. A argumentação em discussões sócio-científicas: reflexões a partir de um estudo de caso. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 1, n. 1, 2011.

SANTOS, W. L. P.; MORTIMER, E. F. Abordagem de aspectos sociocientíficos em aulas de Ciências: possibilidades e limitações. In: *Investigações em Ensino de Ciências*. v. 14, n. 2, p. 191-218, 2009.

